

Liberdade vem com a arquitetura moderna

Sistema foi viabilizado pela modalidade de venda na planta, que surgiu no Brasil entre os anos 1940 e 1950

A flexibilização de planta só foi possível quando o mercado começou a vender seus empreendimentos ainda na fase de projeto. Um dos pioneiros nessa modalidade de negócio foi o empreiteiro autodidata Artacho Jurado, que atuou em Santos e São Paulo entre os anos 1940 e 1950. Seus condomínios eram sempre muito grandes, com opções de apartamentos com um, dois ou três dormitórios, que também podiam ser fundidos ou ter a sua divisão interna alterada.

Característica da arquitetura moderna segundo o arquiteto e professor Francisco Segnini, essa configuração – diversidade de tipologia e planta livre – também aparece em empreendimentos emblemáticos da cidade como o Copan, que tem desde pequenas quitinetes até grandes apartamentos, com três quartos.

“Isso resulta em uma diversidade no perfil dos moradores que poderá provocar alterações na forma de convivência entre eles”,



Copan. Edifício abriga vários tipos de apartamentos

lembra o membro do comitê de tecnologia e qualidade do Sindus-Con-SP, Fernando Correa.

Isso pode ser verdade no caso do Copan, “um empreendimen-

to de dimensões inimagináveis hoje em dia”, segundo Correa, ou em casos como o empreendimento da Cyrela, que oferece numa mesma torre, apartamentos

com um, dois e três dormitórios. “A maioria dos casos, no entanto, a diferença de metragem não é tanta a ponto de permitir mais de um nível de renda, por exemplo”, diz.

Crítica. Segnini diz que trata-se, neste caso, de uma flexibilização apenas mercadológica. “Existem estudos que analisam essa tendência e fazem duras críticas, caracterizando-a como uma ação meramente mercadológica”, afirma. Estes estudos e críticas são do grupo Nomads, formado por alunos e professores da Faculdade de Arquitetura da USP de São Carlos.

Os Nomads partem do pressuposto de que o grupo doméstico conhecido como família nuclear (pai, mãe e filhos), que dominaram as principais metrópoles ocidentalizadas durante a maior parte do século 20, está mudando radicalmente, enquanto a forma de morar continua a mesma há séculos.

No Brasil, a participação dessa família nuclear no total dos grupos caiu de mais de 80% na década de 1940 para apenas 55,8% em 1996, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). E os outros 44,2% não correspondem a um perfil único, mas a uma crescente di-

versidade de formatos: pessoas vivendo sós em diferentes momentos da vida, famílias monoparentais, casais sem filhos, coabitantes sem vínculo conjugal ou de parentesco, casais não oficialmente casados etc.

Os textos, análises, discussões e projetos (acessados no site www.nomads.usp.br) traçam um perfil da forma de morar dos paulistanos, identificam alterações no comportamento da população e ainda oferecem novas soluções.

“A flexibilização é uma forma

de tentar atender a essa nova família e é muito comum em Nova York. As torres sempre têm vários tipos de unidades, que os compradores escolhem a partir do preço da prestação”, conta Correa.

No Brasil, não basta que a prestação caiba no bolso. É preciso desembolsar uma entrada. “Está começando aqui, por conta da melhora do crédito, mas não acredito que possamos abrir mão da entrada. Ela funciona como uma garantia para os empreendedores”, diz. **L.P.**

28-10-2010 - AYRTON VIGNOLA/AE



Pioneiro

Este prédio, na esquina da Rua Frei Caneca com a Avenida Paulista, de Rino Levi (1901-1965), marca a primeira experiência com projetos de planta livre no Brasil, característica da arquitetura moderna